

CESAR BRAVO



Terra Fétil

EXTENDED HIGH END LOW NOISE HIGH OUTPUT

DARKSIDE DRK



Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

*What she slipping inside,
slow castration
I'm a riddle so strong,
you can't break me*



Um conto de Natal de
CESAR BRAVO

terra fértil

Um novo raio caiu do céu e a menina começou a chorar outra vez.

Mathias olhou muito sério para a filha, esperando que ela parasse com o escândalo. Rita tinha nove anos, já era idade de ser mais controlada. Seu outro filho, com um ano e meio, também chorava às vezes, mas Bento não sabia fazer outra coisa.

Mathias Trindade era um homem simples e direto, temente a deus, cumpridor de suas obrigações. Trabalhava de sol a sol no pequeno roçado da propriedade e dava de comer aos porcos e galinhas, a fim de receber sua carne em troca. Homem de fé, Mathias rezava todos os dias, e aos domingos de manhã ia na igreja, mesmo se não tivesse pecado.

Mais um raio.

— Deus todo poderoso — Dalva, a dona daquela casa, evocou. Era bem mais jovem que Mathias, igualmente simples.

Casou cedo, dezessete anos. Precisava sair de casa, o pai e a mãe a faziam trabalhar até a exaustão, tratavam como escrava. Mathias já tinha cinquenta e três quando a desposou. Dalva aprendeu a amá-lo, não foi difícil. Depois dos filhos, ficou mais fácil. Ele já não tinha a mesma fome por ela. Tinham duas crianças, podiam envelhecer em paz.

Em meados de 1860, a cidade de Três Rios ainda era Vila de Santo Antônio, um pequeno povoado. Naqueles dias a energia elétrica não fazia parte do mundo, e a palavra de um homem valia o mesmo que um contrato assinado.

— Essa chuva que não para — falou Dalva. — Está chovendo do jeito que o padre falou.

— Padre Alfonso perdeu o juízo.

— Eu sei, marido. Mas e se ele perdeu o juízo por conta das revelações?

— A única coisa que se relevou foi o quanto o homem estava louco. Não podemos acreditar em falsos profetas, a própria igreja os condena, o próprio padre Lauro os condenava, antes de perder o juízo.

— O que o padre falou, mamãe? — Rita perguntou.

— É coisa de adulto — a mãe resumiu. Mathias pensava diferente.

— Conta pra menina, ela tem o direito de saber.

A chuva aumentou e o telhado começou a vazar em outro ponto. Dalva se levantou e apanhou mais uma panela. Levou até a divisórias dos quartos, onde a nova goteira nascera. O chão já acumulava três panelas e um balde. Voltando para a mesa, a mãe explicou:

— O padre falou que o Diabo tinha vindo morar em Três Rios, e que foi por isso que as pessoas começaram a ter bexiga e morrer.

— Varíola — o pai explicou. — O nome certo é varíola.

A menina pensou um pouco.

— Foi isso que o irmãozinho da Geni teve?

A mãe assentiu com a cabeça. Geni era a melhor amiga de Rita. Morava na propriedade vizinha.

— E foi por isso que eles queimaram o Elcinho? — a menina fez outra pergunta.

Mathias pigarreou. O céu estourou. Mais chuva correu no telhado.

— Queimaram porque não tinha quem enterrasse o corpinho — Dalva explicou melhor — Se não queimassem o Elcinho, sua amiga podia pegar a mesma doença. Ou os pais dela e os outros irmãos da Geni.

— Ela falou que nunca mais esqueceu do cheiro. Falou que quando ela vai dormir, ela ainda sente o cheiro de queimado. E que às vezes ela escuta ele reclamando. *Tá ardendo, Geni, tá ardendo.*

— Misericórdia, menina, chega dessa ladainha — o pai decretou e moveu os talheres no prato vazio com força, para fazer barulho e espantar o nervosismo.

— Vai dar uma olhadinha no seu irmão, vai. Não quero ele sozinho — Dalva pediu.

— Não preciso tirar a mesa?

— Hoje não.

Pai e mãe ficaram em silêncio até que a filha se afastasse. A chuva castigou mais um pouco. A mãe se benzeu. Mathias se levantou e pegou a garrafa de cachaça. Não bebia muito, mas gostava de um dedinho depois da janta.

— Que tanto esse padre falou pra te deixar desse jeito? — perguntou para a esposa.

— E você mesmo não ouviu?

— Os homens ouvem menos que as mulheres. Falam menos também. Mais um trovão. Mais uma cruz no peito de Dalva com as mãos.

— Padre Alfonso começou a ficar estranho nas confissões. As pessoas contavam seus pecados, ele absolvía, mas às vezes ele começava a fazer as profecias. Como era segredo de confissão, ninguém falava o que ouvia. Mas o povo deu com a língua nos dentes quando as previsões começaram a acontecer. O padre falou pra sogra do Antenor Souza que o gado ia começar a morrer, que seria o primeiro sinal do mal. E morreu cinco boi de uma vez só.

— Foi doença; veio médico de fora e tudo.

— Essa foi a primeira profecia. Na segunda, ele falou que ia morrer tanta gente que a cidade começaria a feder. E que os cachorros ladrariam de fome, e que a cidade ia virar lama, de tanta chuva. E na terceira, contou que o Diabo ia...

— Melhor parar essa conversa. Quando se fala no Diabo, ele se interessa.

Ficaram calados, ouvindo a tempestade surrar as telhas. Dalva começou a recolher a mesa, agradecida por não passarem fome naqueles anos tão duros. Parecia mesmo que havia algum tipo de castigo, de maldição pairando sobre Vila de Santo Antônio. Todo mês uma desgraça diferente, uma catástrofe, alguém ficando louco. Havia pelo menos três beatos caminhando pelas ruas, falando suas bobagens. Com o padre era diferente, mas ele foi retirado da igreja e levado para um hospital, mesmo sem ter errado suas profecias.

Mathias fumou um pouco, Dalva lavou as louças, Rita dormiu no bercinho do irmão. A chuva pareceu se acalmar; pelo menos os trovões não estouravam, preferindo rugir.

Em alguns minutos, Dalva voltou para a mesa trazendo a sobremesa — um pouco de mel. Era muito saboroso, forte e floral, quem vendia era um italiano que morava na cidade.

— Era pra ser hoje — ela disse.

— O quê? — Mathias perguntou, colocando um pouco de mel na boca.

— Era hoje que o Diabo vinha. Depois de cinco dias de chuva. Perto do Natal. Já é dezembro e começou a chover no domingo, então... pode ser hoje.

Mathias cravou os olhos nela e nada disse. Não precisava.

Dalva se preparava para pedir desculpas por retomar o assunto sombrio quando alguma coisa bateu no telhado. Pareceu bem pesado, como se um pássaro gordo tivesse caído do céu.

Os dois olharam para as telhas. Uma onda de frio passou pelo cômodo, uma língua feita de gelo e vento.

— Que foi isso, marido? — perguntou ela. — Sentiu?

— Esfriou de repente — Mathias confirmou.

Os dois ouviram alguém bater palmas no momento seguinte. O ruído da chuva confundia um pouco as percepções, mas eram palmas.

— Não abre! — Dalva disse.

— Preciso ver quem é. Com uma chuva dessas não se nega abrigo.

— Não abre, eu tô pedindo.

Mathias já estava de pé.

— Estou com pressentimento — insistiu Dalva. Um dos cavalos relinchou do curral, mais alto que a chuva.

Mathias parou de andar. Pressentimento de mulher era coisa séria. Cavalo reclamando à noite também. Os dois juntos, era melhor tomar cuidado.

Em vez da porta, Mathias escolheu a janela. Havia muito tempo tinha feito um buraquinho na madeira, para inspecionar os visitantes sem ser visto. Uma precaução. Assim como a garrucha. Assim como o facão. Ele tinha duas mulheres e um bebezinho em casa, precisava cuidar deles.

Olhou pelo buraquinho e não viu nada. Com a escuridão daquela noite, como poderia? Mas a chuva parecia contornar alguma coisa. A água caindo sobre o contorno como vidro. Não demorou muito e um novo raio clareou o terreiro como se fosse dia, então ele conseguiu enxergar.

— É uma mulher, Dalva. Toda ensopada.

— Se não está machucada, deixa ela ir. Não abre a porta, Mathias! Estou pedindo.

— Nós somos cristãos, Dalva. E a moça está grávida.

Abriram.

A mulher entrou, sentou no sofá e não disse nada. Tremia de frio, estava pálida, as roupas ensopadas. Usava um vestido branco, de tecidos finos, parecia confusa sobre a própria situação. Como ela não respondeu as primeiras perguntas de Mathias, Dalva assumiu o interrogatório:

— Você está machucada? Alguém machucou você? Ou o bebê na sua barriga?

Ela olhou para o ventre inchado e isso foi tudo. Nenhuma palavra. Continuava evitando os olhos dos donos da casa.

— Assim fica difícil, moça — disse Mathias. — Tem um hospital na cidade, eu posso levar você quando a chuva amansar.

Ela riu. Bem pouco, mas riu. Mathias não gostou.

— Consegue entender o que eu digo? Está chovendo, dona. A senhora estava na porta da minha casa. Daqui até a cidade leva uma hora a cavalo e você está grávida. Se estiver tudo bem com a sua saúde, você pode ficar conosco essa noite, mas precisa me dizer como se sente e como veio parar aqui.

A mulher se projetou para frente, só um pouco, e apontou o dedo indicador para o chão.

— Meu Deus — Dalva se benzeu.

— Não é hora pra isso — Mathias a corrigiu. — Já que a moça não fala, pode ficar essa noite, mas de porta trancada. Tem um quarto com chave e você só sai de lá amanhã de manhã.

Sem aviso, a mulher lançou um jato de vômito. Uma coisa grossa e vermelha, parecia hemorrágica. O cheiro tinha um pouco do vinagre. Dalva correu até a cozinha e trouxe um pano de chão. Estendeu para a mulher. Enquanto ela se limpava, Dalva começou a rezar.

— Para com isso! — A mulher disparou a primeira frase e tapou os ouvidos. E repetiu: — Para com essa rezaaaaaaa!

Dalva rezou mais alto.

— Ave maria cheia de...

— Para com isso AGORA — a moça rugiu como um leão açoitado. Depois gemeu, baixo e cheia de monotonia. Manteve esse ruído contínuo.

— Moça — Mathias intercedeu —, cadê o pai dessa criança? Como você chegou na nossa porta?

Ela parecia desligada da realidade. Ausente de novo. Mas a boca disse bem baixinho:

— O pai é o Diabo, e vocês precisam me matar essa noite.

O grito saiu logo depois, e foi tão alto que as duas crianças acordaram e começaram a chorar. Dalva correu até o quarto para acalmá-las. Voltou com o menininho no colo e Rita agarrada em sua saia. Os dois choravam sem parar.

— Que lindos — a estranha disse, cheia de calma. — Uma pena que esse aqui não seja assim — complementou, alisando a barriga.

— Moça, a senhora está variando — Mathias disse. — Eu conheço gente louca; não sei tratar, mas sei reconhecer.

— Não existe loucura em mim. Eu escolhi ter o filho dele. Mesmo sabendo dos riscos, eu quis. Ele era tão bom e maravilhoso. Ele mostrou o mundo que ainda vai nascer. Eu o amei com todo coração. Aceitei sua semente. Ainda amo. Eu só não posso continuar com isso.

— Se você foi abusada de alguma forma... — Dalva falou. — Tudo tem jeito. A gente ajuda. Ajuda, não é, marido?

Mathias assentiu.

A mulher lambeu os lábios com lascívia.

— Eu quis pecar. Eu gosto do pecado. Gosto de sentir as pernas abertas e do jeito que ele entra — levou as mãos para dentro das coxas. — Me tremo toda quando ele me rasga e me enche. Agora é diferente, ele não pode mais sair. — Acariciou a barriga protuberante. — Não é gente. Eu vi como ele é de verdade, nem de longe aquilo é gente.

— Deus é maior, moça, muito maior. Nós vamos ajudar você — Mathias falou.

Foi como o bote de uma serpente. Quando Mathias e Dalva perceberam, a mulher havia retirado uma faca de dentro do vestido e a colocado rente ao pescoço de Rita. Estava com a menina em seu colo.

— Se chegar perto, eu mato a sua filha — a mulher disse a Mathias, que já se aproximava. — Vocês não fazem ideia — ela continuou falando. — Ele cresce todo dia, toda hora, cresce de um jeito impossível. Duas semanas atrás, eu não tinha barriga nenhuma, agora eu consigo ver o casco forçando a minha pele. Ele morde, sabia? Morde por dentro. Me falta o ar, tenho vontade de vomitar toda hora. Está me comendo por dentro. O pai dessa barriga pediu trabalho na nossa casa. Moço bonito, e ele percebeu que eu queria. Uma noite ele entrou no meu quarto. Ficou três dias na casa dos meus pais, três noites no meu quarto. Na terceira, ele falou que era um anjo e mostrou o verdadeiro rosto. Ele tinha espinhos. Os dentes saíam pela garganta.

— Mãe, me ajuda! Me tira dela, mãe! — Rita implorou, tentando empurrar o braço que segurava a faca. A mulher manteve a pressão.

Mathias estava paralisado, mas Dalva deixou o outro filho no quarto e voltou com a garrucha.

— Solta a minha filha, mulher maldita! — Sustentou a arma apontada.

— Se me matar, eu solto a menina. Só precisa me matar.

Mathias deu um passo na direção da esposa, ela apontou a arma para ele.

— Ela precisa morrer, Mathias. Se ela não morrer, vai machucar a Rita.

— Você não é isso — Mathias falou —, não dê o que ela quer!

— Ele chega com a chuva — a mulher explicou. — É como uma semente que sabe a hora de brotar.

— Solta a minha filha! — Dalva exigiu.

— Atira em mim, sua puta!

Com a tensão do momento, a mulher estranha se distraiu. Mathias não perdeu a oportunidade e a segurou no braço que sustentava a faca. A dominou com facilidade. A faca caiu e Mathias a chutou pra longe, Rita correu para a mãe.

— Você vai sair da minha casa — Mathias decretou. — E vai sair viva, sua doente!

— Não! Você precisa me matar! Precisa me matar!

Ele a apertou no pescoço, nada que pudesse sufocá-la, mas o bastante para submetê-la à sua vontade. Rita correu na frente e abriu a porta. Dalva manteve a mira na mulher grávida.

A porta se abriu e a tempestade entrou. Não era uma chuva natural, a tormenta parecia saber o que acontecia dentro da casa.

— Vá de retro, alma doente! — Mathias falou e jogou a mulher enlouquecida pela porta. Ela caiu no lamaçal e rapidamente voltou a ficar de frente, sem sair totalmente do chão.

— Você não pode deixar ele nascer! Não pode!

Mathias fechou a porta e passou a chave.

Abraçou sua filha. Dalva apanhou o filho mais novo no quarto e se juntou a eles. Pediu desculpas por ter ameaçado atirar no marido. Ele a abraçou também.

— Ela vai ficar melhor lá fora — Mathias disse.

A mulher ainda bateu na porta, chutou, ameaçou e gritou. Arranhou a madeira. Depois foi até a frente da casa, sob o temporal, e começou a rodar em volta de si, com os braços abertos e o rosto voltado para cima, pedindo

que Deus a acertasse com um raio. A chuva forte a atingia sem piedade, transformando água em açoite. Gritou até perder a voz e se refugiou no escuro, sob uma figueira.

Pelo furo da janela, Mathias a reviu no primeiro alvorecer, a barriga havia rompido. O bebê nasceu cavando sua saída, e a dor deve ter sido tão intensa que ela sequer gritou. A chuva dera uma trégua, a mulher já estava morta. Mathias aproveitou que a família dormia e foi dar uma olhada. Ao redor do buraco na barriga da morta, o vestido tinha restos de sangue e carne. A mesma mistura sob as unhas. Ao lado dela, havia um buraco no chão lamacento. Era pequeno, mas poderia acomodar um bebê. Mathias usou o cabo de uma enxada para aferir sua profundidade. Era maior que o cabo.

Quando Dalva e Rita acordaram, já não havia buraco ou cadáver no quintal. O corpo da mulher encontrou o rio, que passava bem perto da propriedade. A semente que ela lançou no solo, Mathias não poderia encontrar, e nem queria. Talvez não fosse o Diabo, mas não era algo que ele pudesse aceitar.

CESAR BRAVO conquistou o gênero horror em 2017, com o reconhecimento dos leitores, livreiros e da crítica especializada. Desde então, o autor já publicou pela DarkSide® Books: *Ultra Carnem* (2016), *VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue* (2019), *DVD: Devoção Verdadeira a D.* (2020), o romance *1618* (2022) e, em novembro de 2023, publicou *Amplificador*, obra que elevou a união entre o horror e o sci-fi a novas potências. Em 2024, Bravo retornou à Três Rios com o romance homônimo que sacramenta a primeira cidade amaldiçoada legitimamente brasileira.

Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

mixtape completa



DARKSIDEBOOKS.COM